

PROPOSTA POLÍTICA E ENSINO DE LEITURA

Ynah de Souza Nascimento*

Resumo:

Relato sobre as reflexões de uma professora e de um licenciando, no momento em que este deve se iniciar na regência de classe. Eles questionam o modo de se trabalhar o texto.

Palavras-chave:

Trabalho com texto, trabalho com vocabulário, leitura

A situação se repete a cada início de estágio.

Dúvidas mil na cabeça + todos os músculos faciais contraídos = licenciando em vésperas de regência de classe.

E lá estava Marcus, na minha frente, com toda a angústia a que tinha direito. Chegara sua vez de ser o *eu* e deixar o *outro* pra mim. Apresentava sua proposta de aula e esperava minhas opiniões sobre.

Acostumado a produzir textos literários, havia escrito um, especialmente para sua aula - leitura e compreensão de textos - e queria que eu opinasse sobre a utilização ou não de seu texto.

Li, gostei e indaguei como ele iria explorar seu texto. Fiquei surpresa quando ouvi Marcus dizer que entregava o texto; pedia aos alunos uma leitura silenciosa etc. Fiquei mais surpresa quando propus que, antes de entregar o texto à turma 7^a B, ele trabalhasse com os alunos alguns conceitos necessários à compreensão dele. Marcus reagiu desfavoravelmente à proposta. Para ele, se o aluno tivesse dúvidas, na hora da leitura, perguntaria ao professor e este responderia.

Eu ia pensando, enquanto ele defendia sua posição. Pensava, mas era difícil explicitar, de imediato, por que eu não concordava com a proposta de trabalho que Marcus me apresentava. Estabeleceu-se um debate, e, à medida que eu ia falando, as causas de minha reação à proposta surgiam.

Marcus me perguntava qual a diferença entre trabalhar o vocabulário antes ou depois. Por que antes?

* Professora de Língua Portuguesa no Colégio de Aplicação da UFPE.

Entre as colocações que fiz, uma foi tomando forma - estava difícil para o Marcus sair da posição de autor do texto para o papel de professor, prestes a trabalhar uma crônica. Como autor, ele queria que o texto despertasse polêmica, fugindo da tal história de "o autor quis dizer isso ou aquilo". Mas, como professor, por que trabalhar o vocabulário antes? (e aqui entendo "trabalho com vocabulário" a tentativa de buscar algum tipo de relação entre vida de meu aluno / palavras ou expressões do texto.)

Quais os meus objetivos em relação ao texto? Quero que meu aluno entenda o que lê e ultrapasse o dito? Se a resposta é sim, preciso dar instrumentos para que ele compreenda o sentido primeiro do texto a fim de poder ultrapassá-lo. Por que deixar meu aluno primeiro cavar com as mãos, para só depois dar-lhe uma pá, se posso dar essa pá antes? Esperar que ele me peça a pá confere a mim, professor, o domínio da situação - ele, aluno, precisa de mim, precisa pedir os instrumentos...

Consegui entender por que eu reagira à idéia inicial de Marcus. Não acho que o professor deva esperar o aluno pedir, porque acredito no papel facilitador do professor. Comprovei, mais uma vez, que, por trás de cada atitude do professor, está a sua proposta política - proposta que transparece num *simples* trabalho com texto. Proposta que se concretiza na postura do professor diante dos alunos, no tipo de metodologia empregada por esse professor. E aí concordo com Marcuschi (1982), quando aponta que, mais importante que denunciar a ideologia subjacente aos textos, importa a perspectiva de abordagem desse texto. O professor não deve ingenuamente pensar que basta escolher um texto sobre a pobreza ou a violência para levar seu aluno a uma conscientização de tais problemas. Quando muito, o aluno ficará até revoltado, mas daí para uma ação mais consciente, vai uma grande distância. Mas, se, além de escolher o texto, o professor levar seu aluno à análise dos recursos utilizados pelo autor para expressar, através da linguagem, sua revolta ou indignação a respeito da situação, esse professor estará oferecendo oportunidade para que esse aluno discuta o problema e, mais importante, adquira habilidades lingüísticas que o capacitarão a produzir textos similares, tomando-se um autor-sujeito de sua própria história.

Fornecer previamente, ao aluno, elementos necessários à sua leitura, traz reflexos no trabalho com o texto propriamente dito (o aluno poderá ter dificuldades em ultrapassar o texto, mas não em entendê-lo) e no nível de uma política pedagógica, se assim podemos chamar: abdicar da posição de leitor oficial do texto, o sabeduto, pronto a tirar as dúvidas dos alunos.

Feitos os acertos com Marcus. Chegou o dia de sua aula e, antes de entregar o texto, ele começou a conversar com a turma, fornecendo algumas informações sobre várias palavras que apareciam no texto a ser trabalhado. Explicou ele que há uma tradição de se pôr o nome de José ou Maria em uma criança que nasce "laçada"; alguns alunos não sabiam o que significava "nascer laçado" e, alguns alunos da

turma, após consulta de Marcus, explicaram: a criança que nasce com o cordão umbilical enrolado no pescoço nasce "laçada". Um aluno exclamou:

- Ah! Então é por isso!

Ficamos surpresos, e Clésio explicou:

- Meu nome é Clésio, Clésio José porque nasci laçado, segundo disse minha mãe, mas ninguém havia me dito o que era "laçado"... Agora eu sei!

Com aquela situação pudemos comprovar o que discutíamos no planejamento. A partir daquele "instrumento" meu aluno, mais que desvendar o texto, desvendara sua vida. Comprovava também a importância de se tentar relacionar, com a vida do aluno, as palavras e expressões do texto.

Pudemos presenciar, graças ao trabalho de Marcus e à exclamação de Clésio, um exemplo vivo do que todos bem conhecem como "Leitura do Mundo", proposta por Paulo Freire e seguidores. E ainda, há professores listando palavras e seus significados, achando que trabalha vocabulário... Ainda há professores pensando que trabalham de acordo com propostas políticas renovadoras, porque escolhem textos cujo conteúdo fala de pobreza ou miséria... mas continuam esperando que seu aluno "peça instrumentos".

Bibliografia

MARCUSCHI, Luís Antônio. A Exploração sintática dos discursos nas formas institucionais de educação. In: *Revista da ABRALIN*, setembro, 1982, p. 50-60.

Summary:

Report about a teacher and a university student's considerations at the moment the student has to start teaching. They question the way texts should be used in class.

Keywords:

Text, Vocabulary, Reading